

# mulheres e

Enfrontamo-nos a nível global a um poder cada vez mais impessoal. Cada vez é mais difícil pôr rosto, pôr nome a quem nos dirige. Cada vez temos mais problemas para definir aos verdadeiros "amos" do mundo. Sabemos o nome abstracto "globalização, neoliberalismo, capital transnacional, especulação bursátil... mas só conhecemos o nome dos seus servidores locais.

Sejam políticos, banqueiros ou empresários, os rostos que conhecemos e identificamos como agentes do neoliberalismo som só testaferrinhos do poder, nom som o poder em si. Som substituíveis e prescindíveis, som devorados, fagocitados polo próprio poder quando assim o estima conveniente.

Pareceria que se botou a andar umha maquinária que agora funciona de seu, e onde o factor humano é tam só um instrumento mais ao serviço da máquina. Estamos pois ante a consumação real dos piores pesadelos de Kafka, Orwel ou Huxley. Esta situação que poderia semelhar anecdótica ou carente de relevo ideológico nom o é tal. Coloca-nos numha situação psicológica de indefensom. Ficamos desconcertadas e desconcertados ante um poder que nom conhecemos, que nom comprendemos e ao que nem tam sequer sabemos nomear.

Somos como crianças ante a ideia do Deus-Padre, criador e castigador. O novo Deus-Padre, a divindade neoliberal tem o seu próprio credo; o chamado pensamento único. Segundo este credo, o Deus-Padre-neoliberal apresenta-se-nos como o único capaz de gerar a vida, só Ele cria emprego, só Ele cria riqueza, só Ele controla o câmbio climático e o genoma humano.

Se aceitamos este novo credo como dogma de fé, o novo Deus-Padre oferece-nos um novo paraíso terrenal cheio de coca-cola, televisom e avanços tecnológicos para fazer mais feliz e doada a nossa vida.

As pessoas desempregadas, as reguladas, empobrecidas, nom devem mais ser vistas como vítimas, senom como mártires. Elas representam nom o lado escuro da nova fé, senom o sacrifício necessário que se fai com gosto por amor a Deus e para salvar à Humanidade.

Afastar-se deste novo credo, renegar da fé neoliberal supom desatar as iras do novo Deus-Padre e, conseqüentemente, merescer o seu justo castigo: , a expulsom do paraíso a condena ao inferno da marginaçom e da exclusom.

Valha esta metáfora Deus-padre para tentar explicar como essa maquinária perfeita e impessoal que semelha ser o neoliberalismo nos situa psicologicamente numha situação de debilidade, num estadio infantil frente à autoridade que dificulta e condiciona a nossa resposta.

Como frear o avanço dessa maquinária perfeita, impessoal e implacável? Ou polo menos, como incidimos no seu funcionamento para que o seu avanço nom esmague colectivos humanos, sociedades e culturas? Como fazer que o progresso esteja ao serviço do género humano e nom ao revés?, que nom sejamos cada vez mais pobres, cada vez com mais escravatura?

Dar respostas locais frente a problemas globais nom só segue sendo útil senom também necessário. É um jeito de preservar a biodiversidade, também a cultural, também a lingüística, também a nacional.

Mas é preciso também artelhar respostas globais se queremos, nom só estorvar à máquina senom tentar destrui-la ou, cando menos tomar o controlo, incidir no seu funcionamento.

Respostas globais que tenham que partir, sem embargo, do reconhecimento do outro, do respeito absoluto à diferença. Questions como as de naçom, raça e, sobre tudo, género, nom podem ser excluídas nem contempladas como sectoriais e pontuais se queremos que o movimento anti-globalização seja nom só umha resposta ao neoliberalismo senom umha proposta de construção dumha sociedade distinta.

Porque frente ao "pensamento único" nom pode haver um único pensamento hegemónico, senom um discurso vertebrado dende a pluralidade, dende a diferença, dende o anti-poder.

Nom é só questionar o actual sistema de controlo da produçom, senom todo o modelo de relaçons humanas e sociais. É aí onde incide o feminismo, e cara aí onde caminham as mulheres na Marcha Mundial. Sim, dizemos, um outro mundo é possível, mas qual é o mundo que queremos construir?

Nem explotaçom por classes, nem discriminaçom por raças, nem escravatura por género.

Muito antes de que se falasse de globalização e neoliberalismo, o feminismo independente, radical, da diferença, tinha questinado a organizaçom do mundo, da economia e da política; tinha questionado a divisom sexual do trabalho, a degradaçom ambiental e os parâmetros normativos dumha cultura que excluía as diversidades.

Os conceitos sobre sexualidade, prazer, justiça, democracia, equidade, independência, poder, fôrom reelaborados a partir da expe-



## A MARCHA DAS MULHERES NO FÓRUM SOCIAL

### FÓRUM SOCIAL MUNDIAL: IMPORTÂNCIA DE ARTELHAR UMHA RESPOSTA "GLOBAL" À GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL.

# globalização

riência histórica das mulheres. Umha experiência histórica, historicamente excluída.

Somos, por retomar a metáfora do Deus-Padre, as filhas de Lilith. Herdeiras pois, nom o esqueçamos, da primeira figura humana das religions monoteístas que foi quem de se rebelar contra esse Deus-Padre e o seu credo-pensamento único.

Nom somos Eva, o nosso nom é "pecar", o nosso é negar a sua categoria de pecados.

O nosso é dizer, como dixo Lillith, NOM. Nom nos interessam nem as tuas normas, nem o teu sistema, nem o teu credo, nem o teu poder.

O feminismo foi pois, mesmo sem sabê-lo, o primeiro movimento mundial contra a globalização neoliberal.

Porque ninguém como as mulheres sabe os terríveis custos que trae o neoliberalismo, para todas, para todos. Ninguém coma nós sabe o que é a exploraçom absoluta.

Nom ser dona do teu corpo, nem dona da terra, nem dona do país.

Ninguém coma nós sabe a crueldade das leis do mercado, ninguém coma nós sabe o que é ser mercadoria.

Por isso, A Marcha Mundial das Mulheres acudiu ao Fórum Social Mundial com o feminismo como arma contra o patriarcado e contra o neoliberalismo.

E acudimos nom só para aprender, nom só para ver e conhecer outras realidades, outras estratégias de luta, senom para aportar a nossa sabedoria, o nosso discurso e a nossa experiência.

Sabedoria, discurso e experiência, fruto de milénios de exclusom, de séculos de reacçom e rebeldia e também dos últimos anos de vertebraçom e articulaçom das diferenças, que também as há entre mulheres, dentro desse movimento plural, antipatriarcal e antineoliberal que é a Marcha Mundial das Mulheres.

As sementes lançadas no 95 dende Quebeque agromárom entre as feministas de todo o mundo, criando raízes duradeiras que abranguem umha articulaçom internacional de mulheres que se oponhem ao patriarcado, às políticas neoliberais e ao conservadurismo social.

A articulaçom de género, classe e raça ultrapassou o discurso e concretizou-se nas práticas comuns em torno a umha campanha que combatia simultaneamente as múltiples formas de reproduçom desses três eixos de desigualdades e dominaçom que se complementam e potenciam mutuamente.

Durante o ano 2000, mulheres pretas, indígenas e brancas; lesbianas e heterossexuais; jovens e velhas, rurais e urbanas, habitantes de metrópoles e de países colonizados, somamos vozes e marchamos juntas contra a pobreza e a violência.

Essa Marcha, que continua, levou-nos a Compostela, a Bruxelas, a Washington e a Nova Iorque e levou-nos também ao Fórum Social Mundial onde dixemos bem claro ( e isto é um fragmento do documento que a Marcha das mulheres dirigiu às pessoas participantes no Fórum):

Sim, outro mundo é possível... mas construído com igualdade entre mulheres e homens: Igualdade jurídica, social, cultural, igualdade política no exercício da cidadania democrática, igualdade económica no reparto da riqueza da Humanidade, igualdade na vida quotidiana. Queremos mudar à vez as estruturas sociais, económicas e políticas, mas também as relaçons sociais que conformam a vida privada, as relaçons pessoais entre mulheres e homens...

O privado é político!"

E foi nom só umha declaraçom, senom também umha advertência aos homens e organizaçons sociais do Fórum.

Porque o feminismo, e assim o entendemos as mulheres da Marcha Mundial, é um movimento social que fai a sua análise própria da globalizaçom actual, onde as mulheres pagam um preço mais elevado que os homens.

E o feminismo tem também a sua própria alternativa, e a sua própria estratégia: identificar bem o duplo sistema de exploraçom (liberalismo capitalista e patriarcado) como orige da situaçom das mulheres, como orige de toda violència e opressom; e apartar e denunciar a aqueles que perpetuam esta violència, já sejam instituçons, governos, indivíduos ou organizaçons sociais.

Nom há outro mundo possível sem as mulheres.

Nom há alternativa justa sem o feminismo.

*Begonha Caamanho.*

*Assistiu como delegada representante da Coordenadora Nacional galega da Marcha Mundial das Mulheres ao Fórum Social Mundial.*